

MULHERES-ARTISTAS: trânsitos entre o verbal e o visual

ROSSE, Ana Beatriz Reinoso⁹⁰
BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos⁹¹

Resumo

A discussão proposta no presente trabalho compreende a arte como um fenômeno diretamente ligado à vida social do indivíduo criador, visto que não se trata de uma criação independente. Ela é elaborada em um contexto específico, em uma determinada localidade e em um certo período temporal, o que influencia seus caracteres sociais coletivos. Assim entendendo, e tomando a intersemiose (JAKOBSON, 1975) como o eixo que acarreta a articulação dos signos entre esses diferentes sistemas de arte, buscamos analisar as relações entre duas formas de narrar, a arte literária e arte visual, em especial, em representações do ser mulher a partir da ótica feminina como forma de resistência, existência e reexistência do que é ser mulher e artista, e de sua capacidade de não somente fazer arte, mas sim, fazer-se em arte. Para tanto, focamos na leitura reflexiva do poema “O retrato fiel” (1965), de Gilka Machado, e das imagens e murais de Priscila Barbosa (2022).

Palavras-chave: Olhar; Mulher; Intersemiose.

Introdução

Gilka da Costa Melo Machado nasceu no Rio de Janeiro em 1893 e morreu na mesma cidade em 1980. Sendo mulher, pobre e negra, Gilka foi alvo de preconceito racial e morais; escritora desde criança, recebeu diversos prêmios com seus versos, porém, somente em 1915, aos vinte e dois anos, Gilka publicou seu primeiro livro, *Cristais Partidos*. Em meio a uma estreia tumultuada e ruidosa, deixou a sociedade do início do século XX escandalizada com tamanha ousadia, por causa de seus versos serem considerados sensuais, foi taxada de indecente, indecorosa e imoral.

Gilka escrevia sobre a mulher terrena e/com seus anseios, prazeres e desejos femininos, indo na contramão de um ideal de “expressão feminina brasileira” e de “textos de mulheres” na literatura, imposto pelos críticos e os acadêmicos da forma da época, sendo esses em sua grande maioria homens. Em seus poemas, procurou abordar a denúncia da opressão às mulheres no Brasil, como também a situação das classes sociais menos abastadas, deixando explícito o descaso do governo em relação a estes.

A poeta viveu em um período de transição que reuniu tendências conservadoras e progressistas no início do século XX brasileiro. A poesia de Machado

⁹⁰ Universidade Federal de Pelotas – anabeatrizreinoso25@gmail.com

⁹¹ Universidade Federal de Pelotas – claumattos@gmail.com

se comunica com essas tendências literárias, como é de se esperar, porém a poeta constrói uma voz poética própria, marcada por intensa carga de emancipação e libertação do corpo feminino, a uma busca infatigável de transcendência espiritual e por reflexões sobre o papel social e cultural das mulheres com uma plena consciência poética expressada em sua poesia.

Priscila Barbosa é artista visual, muralista e ilustradora paulistana. A artista produz um trabalho, que “(...) investiga a iconografia da mulher revolucionária contemporânea com foco na América Latina. Por meio de retratos de diferentes corpos de mulheres propõe percepções críticas sobre padrões estéticos e comportamentais vigentes, uma estratégia de enfrentamento e questionamento das relações de poder” (BARBOSA, 2022)

Priscila cria imagens que, para um olhar desatento, sugerem a docilidade e delicadeza assimiladas ao gênero feminino. Característicos de sua produção, os tons rosados reforçam e revelam atividades de insurgência e rebeldia; melhor dizendo, a artista reverte a associação cultural de nossa sociedade da cor rosa com o romantismo, a ternura, a ingenuidade, ou seja, as características “inerentes” do “universo feminino”, e subverte tais preceitos como forma de resistência.

Através de retratos de mulheres com diversos e diferentes corpos e da combinação e inversão de significado de componentes vinculados ao doméstico, como panos de prato e utensílios de cozinha e limpeza, transformados em ícones de insubordinação, a artista constrói cenas que têm o intuito de provocar e instigar o observador através da oposição.

Barbosa existe num outro registro temporal que Machado; os contextos históricos de ambas são muito diferenciados. Tão distantes as duas artistas e, no entanto, com tantos pontos de contato biográficos.

Desenvolvimento

A ação de transição, tradução e adaptação entre as narrativas verbais e visuais é uma das razões propulsoras do desenvolvimento de ambas as linguagens, expandindo o processo de tradução. Esse método é alvitado por Roman Jakobson como tradução intersemiótica ou transmutação, que “consiste na interpretação dos

signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 1975, p. 65).

A tradução intersemiótica ou transmutação, a passagem de uma poética verbal para um sistema não-verbal (ou vice e versa), não se situa a partir de uma relação de igualdade direta. Visto que, as obras de arte podem se compor através do diálogo entre díspares meios expressivos, diferentes linguagens, contribuindo para a densidade da obra, para uma maior instigação de questionamentos no receptor/leitor, através da combinação/complementação de imagens, símbolos e representações distintas sobre um mesmo tema.

Em “O Retrato Fiel” (MACHADO, 1968) temos a adjetivação da poética ao rosto humano, mesclando um fragmento do eu com o próprio poema. O corpo na poesia se expressa no corpo do poema. Há o corpo de quem escreve o poema e daquele que o lê. Ambos, corpo e poema, são tomados como matéria.

No poema em questão a autora compara seus poemas a retratos, ou seja, ela critica diretamente os ignorantes, aqueles que a tomam apenas como um retrato, um objeto inanimado, por todas as suas ânsias, interesses, acima de sua singularidade de ser mulher, e antes de tudo, por toda sua complexidade humana.

Visualizamos assim, uma certa ausência do rosto total a qual Machado evoca; nem a face humana, nem a face do poema, é capaz de mostrar a essência do todo, cabendo apenas ao que interage com ela, o leitor, a capacidade de interpretar o que aparentemente está à mostra.

No trabalho de Barbosa “Já não somos indefesas” (2022) vemos esse rosto, aparentemente feminino, semi-encoberto com um pano de prato, que não é mais simplesmente passivo ao nosso olhar, mas sim, nos encara de volta e nos provoca, tirando-nos da zona de conforto do expectador e nos colocando na posição onde o observador não mais apenas observa, mas também é observado. Essa sua poética visual soma-se à escrita de Gilka Machado, e atreladas elas tecem uma rede poderosa e complementar no âmbito do grito de resistência e na direção de salvaguardar memórias como obra de arte.

Considerações finais

Ambas as artistas discutem questões pertinentes ao corpo, ao sujeito, ao ser mulher; ambas trabalham, cada qual com sua arte, escrevendo o tecido de sensações e sentimentos que ligam as mulheres a vida; as duas artistas “tomam” a palavra para si, apoderam-se do poder de ser agente de sua própria voz e com uma perspicácia representam o corpo na poética e se expressam, no corpo da arte.

Gilka Machado pensa e trabalha em um âmbito social mais amplo, o que faz todo o sentido em função de seu período histórico. Priscila Barbosa trabalha mais com o ser, centra seu foco na pessoa e discorre acerca desse e de seus universos. Assim observa-se que na contemporaneidade os discursos centram seus focos nas pessoas, nas inter-relações sociais, não mais são discursos generalizantes.

Referências

BARBOSA, Priscila. Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/priii_barbosa>

Acesso em: 07 novembro de 22.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MACHADO, Gilka. “O retrato fiel”. In: **Velha poesia** (seleção de poemas). Rio de Janeiro: Editora Baptista de Souza, 1968.